

2013

InFover

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo
Uma publicação do DCECO- UFSJ

Ano VI Nº 50 – Março de 2013

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
Campus Santo Antônio
Praça Frei Orlando, nº 170 – Centro
São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2300
www.ufsj.edu.br
Departamento de Ciências Econômicas – DCECO
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
Coord.: Prof^ª: Aline Cristina da Cruz
Técnico Administrativo: Paulo Afonso Palumbo
Mestrando PUCRS: Alexandre Rodrigues Loures
Acadêmicos UFSJ: Fabiana Maria dos Santos Costa
Fábio Júnio da Silva Carvalho
Milana Vera Mendes Pinheiro

São João del-Rei , Março de 2013



Termos de troca milho, soja e leite

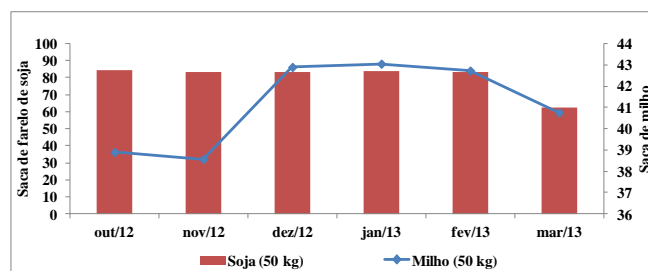
Os preços dos insumos (tabela 1) pesquisados pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas) em março comparado a fevereiro apresentaram variações, sendo que maioria com queda em seus preços: o milho, ração pra bezerro, ração pra vaca, farelo de trigo, farelo de soja, farelo de algodão, com 20,89%, 1,56%, 3,88%, 12,80%, 21,89% e 12,10% respectivamente. Somente dois registraram aumento: polpa cítrica com 14,33% e o sal mineral com 3,51%.

A saca de farelo de soja que custava R\$68,50 em fevereiro de 2013, passou para R\$53,50 em março de 2013 uma queda de 20,89%. Já a saca de milho que custava R\$33,50 em fevereiro de 2013, custou ao produtor R\$26,50 em março de 2013, uma redução de 20,89% em relação ao mês anterior.

Conforme se pode observar na Figura 1 a seguir, no que se refere à relação de troca de soja por litros de leite, observa-se a queda de 25,06% em relação ao mês de fevereiro.

Em março, segundo a Tabela 2, o produtor precisou de 62,46 litros de leite para adquirir uma saca de farelo de soja, enquanto que em fevereiro o produtor precisou de 83,34 litros de leite para adquirir o mesmo produto.

Para a relação de troca entre o milho/litros de leite, nota-se redução de 24,10%, considerando-se o fato de que, em março, o produtor precisou trocar 30,94 litros de leite para adquirir uma saca de milho, enquanto que em fevereiro ele precisou de 40,76 litros de leite para a mesma finalidade.



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Figura 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja

Tabela 2 – Relação de troca milho, soja e leite, São João del-Rei

Mês	Farelo de soja		Milho	
	2013	%*	2013	%*
Jan	83,62	0,12	42,72	-0,76
Fev	83,34	-0,33	40,76	-4,60
Mar	62,46	-25,06	30,94	-24,10
Abr				
Mai				
Jun				
Jul				
Ago				
Set				
Out				
Nov				
Dez				

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Nota: *Variação em relação ao mês anterior

Tabela 1 – Preço médio dos insumos agrícolas em março de 2013

Produto	Kg	R\$	Var. em relação	Produto	Kg	R\$	Var. em relação
			ao mês anterior				ao mês anterior
Ração p/vaca	40	39,60	-3,88	Ração bezerro	40	40,85	-1,56
Sal mineral	30	44,20	3,51	Farelo soja	50	53,50	-21,89
Farelo de trigo	40	21,10	-12,80	Farelo algodão	50	44,30	-12,10
Polpa cítrica	50	31,50	14,33	Milho	50	26,50	-20,89

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Descarte de vacas com mastite crônica

Henrique de Oliveira Volpe

Estudante de Medicina Veterinária

Denomina-se mastite a inflamação da glândula mamária do animal, causada na maioria das vezes por uma infecção bacteriana, cuja evolução depende de caso para caso, podendo ser crônica ou aguda.

A evolução crônica seria o processo inflamatório que ocorre de forma lenta e progressiva. Normalmente esses casos são decorrentes de mastites agudas que não foram tratadas ou então tratadas de forma ineficiente. A maneira correta de se tratar a mastite clínica, e com isso evitar que ela se torne crônica, é continuar com a medicação por mais três aplicações após os sintomas desaparecerem (sumir o grumo). Caso esse procedimento não seja adotado, as bactérias podem sofrer mutação, com conseqüente desenvolvimento de resistência à base do antibiótico usado. Essa condição pode ser o ponto de partida para uma infecção persistente do tecido mamário e a apresentação da doença vai depender da bactéria causadora da mastite, do medicamento usado no tratamento e das características individuais do animal. Ressalta-se ainda que o problema pode ser conseqüência de um traumatismo local, ou seja, alguma agressão ao úbere do animal.

Com relação à apresentação clínica, a mastite crônica pode ser caracterizada pelo endurecimento e deformidade do quarto afetado. O úbere do animal ainda pode apresentar-se avermelhado, tenso ou retraído. O problema não tende a se resolver espontaneamente, principalmente se for causado pelas bactérias *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus agalactiae*, responsáveis por promover a mastite contagiosa. Nesse caso, as bactérias têm mecanismos de atuação na glândula mamária que em alguns períodos da lactação podem agravar a inflamação e em outros momentos há melhora. Com isso, é normal que os sintomas e sinais persistam por muito tempo. No caso de infecção por *Staphylococcus aureus*, o tratamento é caro e deve ser

feito nos períodos em que o animal não esteja produzindo leite. Porém, o resultado nem sempre é satisfatório, estimando-se a porcentagem de 30% de cura, o que é considerado baixo.

Outros fatores que devem ser levados em conta para se tratar ou não o animal acometido, seriam o estágio da lactação, a idade do animal e o histórico de ocorrência de mastite clínica. Vacas mais velhas e próximas do final da lactação apresentam menor chance de cura. A mastite crônica além de gerar despesas com tratamento faz com que a vaca produza menos leite e este não pode ser destinado à indústria. Caso contrário, haveria elevação da Contagem de Células Somáticas (CCS) do leite do tanque. Além disso, esses animais são focos persistentes dos agentes causadores da doença, sendo potenciais contaminadores de animais sadios.

Animais que passam por 3 a 4 tratamentos e continuam com alta CCS, vacas com período de descarte do leite superior a 30 dias, que apresentaram mais de três casos de mastite clínica na mesma lactação e não responderam ao tratamento de vaca seca de forma satisfatória, devem ser descartadas. Essa medida é considerada emergencial, e mesmo sendo a maneira mais rápida e prática de se resolver o problema, não deve ser usada como único método para controle de mastite. Logo, para evitar tais perdas econômicas e produtivas, é de extrema importância a prevenção de novos casos de mastite que posteriormente possam apresentar-se casos crônicos. Isso pode ser feito através de higiene na ordenha, limpeza do ambiente em que as vacas se encontram, uso de medicamentos específicos e de boa qualidade e mão de obra qualificada.

Jornal da Produção de Leite/ Ano XXII- Número 287 Viçosa, MG - Março de 2013



Mercado da bovinocultura leiteira de São João del Rei

De acordo com o levantamento (Tabela 3) feito pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas) a despeito dos preços médios dos derivados do leite, são pequenas as modificações referentes ao mês de março. Dos quatro derivados, dois apresentaram aumento: a mussarela com 1,62% e o queijo prato com 0,25%. Já o queijo minas frescal e o leite longa vida obtiveram queda de 0,52% e de 0,54%, respectivamente. Quanto ao preço médio do leite pasteurizado tipo C, segundo (Tabela 4) em março, este se manteve constante, registrando o mesmo preço médio de R\$1,86.

Tabela 4 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado em São João del-Rei

Mês/Ano	R\$	Var %*
Dez/2012	1,82	0,00
Jan/2013	1,86	2,19
Fev/2013	1,86	0,00
Mar/2013	1,86	0,00
Abr/2013		
Mai/2013		
Jun/2013		
Ago/2013		
Set/2013		
Out/2013		
Nov/2013		
Dez/2013		

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Nota: *Variação em relação ao mês anterior

Tabela 3 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida (litro) de São João del-Rei

Produto	Mar/12	Abr/12	Mai/12	Jun/12	Jul/12	Ago/12	Set/12	Out/12	Nov/12	Dez/12	Jan/13	Fev/13	Mar/13
Mussarela	14,55	14,55	14,85	14,85	14,85	14,65	14,55	16,18	16,10	17,20	18,10	18,55	18,85
Queijo Prato	11,90	12,55	12,75	13,25	13,45	13,45	13,90	15,98	15,70	15,70	16,00	15,86	15,90
Minas Frescal	8,96	9,10	9,10	9,25	9,20	9,60	8,95	8,95	8,95	9,95	9,60	9,60	9,55
Longa Vida	1,82	1,85	1,86	1,87	1,86	1,85	1,83	1,85	1,85	1,89	1,87	1,85	1,84

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

O preço líquido médio do leite pago ao produtor segundo (Tabela 5) sofreu pequenas alterações no mês de março. Na média estadual, quando comparado a fevereiro de 2013, houve aumento de 3,38% e na média nacional 2,84%.

Já a região da Zona da Mata, segundo a Figura 2, em março, verificou-se acréscimo de 0,56% no preço pago ao produtor em relação a fevereiro de 2013.

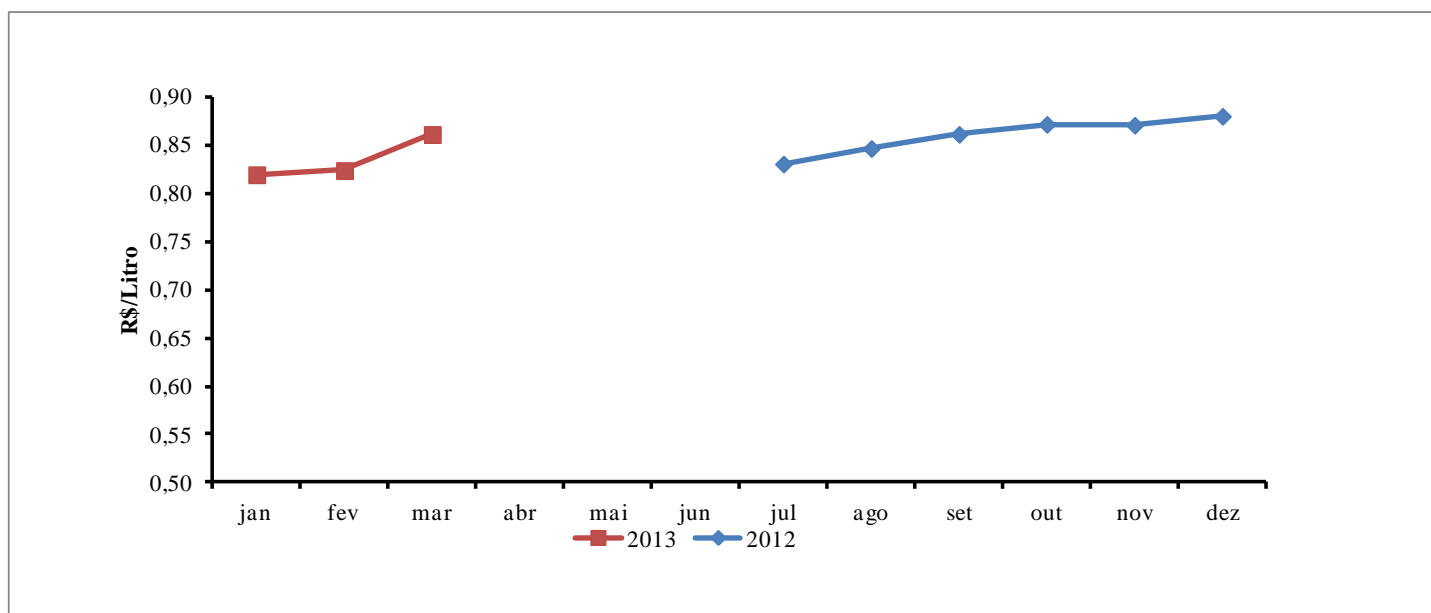
Tabela 5 – Preço líquido do litro de leite, março de 2013

MESORREGIÃO	PREÇO LÍQUIDO MÉDIO	VARIAÇÃO EM RELAÇÃO AO MÊS ANTERIOR
ZONA DA MATA	0,8609	4,54%
MÉDIA ESTADUAL	0,9030	5,00%
MÉDIA NACIONAL	0,8810	4,34%

Fonte: Cepea (2013). Boletim do leite. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/boletim/216.pdf>

Nota: Valor deflacionado pelo IGP-DI





Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa)

Figura 2 – Variação do preço livre pago ao produtor da Zona da Mata deflacionado



Viabilidade econômica da safrinha

Karolina Batista Nascimento-*Estudante de Zootecnia*

Lidiane Finoti-*Estudante de Medicina Veterinária*

Wagner Machado-*Estudante de Zootecnia*

O ano agrícola é um período definido pelas condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento de uma determinada cultura, a qual se deseja plantar. Este, não necessariamente coincide com o início em janeiro e fim em dezembro, uma vez que é quando geralmente tem início a estação chuvosa quando as plantas têm condições favoráveis para se desenvolverem através da água disponível no solo.

Culturas anuais de ciclo curto se desenvolvem de forma mais vigorosa em apenas uma parte do ano. Após a época de colheita da safra, o solo permanece em descanso até que as condições climáticas favoráveis sejam restabelecidas para que uma cultura seja plantada novamente. O período que compreende a pós-colheita e o início do novo plantio recebe o nome de entressafra.

Durante a entressafra, o solo que viria a ficar sem atividade agrícola, pode ser utilizado para o plantio de algumas culturas anuais de ciclo curto que consigam se desenvolver nesse período de condições climáticas menos favoráveis. A safra obtida em função desta cultura recebe o nome de safrinha e é uma boa opção para que o produtor possa obter uma renda extra.

Neste contexto o produtor José Maria de Barros, visando incrementar a produção de silagem, realizou o plantio da safrinha. Antecipadamente, no entanto, orientado pelo Programa, realizou a compra dos insumos necessários, parte primordial do planejamento que culminará em menores gastos na produção. A escolha de algumas características é decisiva para uma boa produtividade, como a área irrigável, devidamente estercada, que garantirá ao talhão a umidade necessária para o bom desenvolvimento da planta; a fertilidade do solo; fotoperíodo e radiação adequados; a escolha da semente a ser utilizada, com características como precocidade, estabilidade e tolerância ao déficit hídrico.

O produtor José Maria, que tem um rebanho de vacas leiteiras com produção média de 14,60 L por vacas em lactação, obteve produtividade média na safra de milho para silagem de 55 t/ha, com um custo de produção de R\$ 2.759,88/ha, tendo assim um custo de R\$ 50,18 por tonelada de silagem de milho produzida. (Tabela 6).

Tabela 6- Custos dos insumos para produção de silagem

	Quantidade	Preço Total (R\$)
Semente	140 kg (7 malas)	1.524,04
Calcário	14000 kg	1.549,80
Adubo Químico	7450 kg	10.555,50
Serviços Mecânicos Contratados	56 Hm	3.255,00
Herbicida	38, 5l	455,07
Inseticida	2 l	140,00
Tratamento de Sementes	11	441,80
Mão de obra contratada	16 l	480,00
Lona Plástica	1200M ² (3 lonas de 400m ²)	870,00
Análise de solo	3	48,00
Total		19.319,21

Foi plantado nesta safrinha, 1 ha de milho, sendo no plantio utilizados 8 sacos do adubo de formulação 08-28-16, e serão utilizados 8 sacos do adubo de formulação 20-00-20 e 4 sacos de uréia para cobertura. Já foi adquirida a lona que será utilizada na ensilagem, e o preço do serviço mecanizado será o mesmo cobrado pelo prestador na safra.

Com o plantio realizado e todos os insumos comprados, estimados os gastos com herbicida/inseticida semelhantes ao da safra, analisaremos então uma tabela que correlaciona a



produtividade esperada com o custo total estimado da safrinha.

Como o custo total será de aproximadamente R\$ 2.570,21 em relação à produtividade, caso o produtor consiga 50 toneladas de silagem de milho, terá um custo de R\$ 51,40/ton. Caso obtenha a produção de 30 toneladas, o custo passará para R\$ 85,70/ton. Observamos na tabela 7 que, mesmo que o produtor obtenha uma produtividade mínima, ainda assim a produção da safrinha é atraente economicamente, pois se compararmos o custo da produção da safrinha com o preço de mercado da silagem (em torno de R\$80,00 a até R\$120,00 por tonelada) ele não terá prejuízo ao obtê-la em sua propriedade a este custo.

O sucesso na colheita do milho safrinha está diretamente relacionado ao planejamento do processo produtivo dentro da propriedade, como a

qualidade de sementes, insumos e tratos culturais utilizados. Além disto, é importante levar em consideração os aspectos singulares de cada propriedade, que apresenta particularidades quanto a topografia, fertilidade dos solos, tipos de máquinas, área plantada, nível tecnológico e, até mesmo, aspectos administrativos, que a torna diferenciada quanto a estrutura dos custos de produção.

Tabela 7-Custo da produção do milho safrinha

Produtividade	Custo (R\$/t)	% do custo da safra	Valor de mercado (R\$/t)
30	85,70	170,78%	
35	73,43	146,33%	80,00
40	64,25	128,03%	a
45	57,11	113,81%	120,00
50	51,40	102,43%	

Jornal da Produção de Leite/ Ano XXII- Número 287 Viçosa, MG - Março de 2013

